

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CADERNOS DO I.L.
Nº 18

DEZEMBRO DE 1997

O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do hunsrückisch no Rio Grande do Sul

Cléo Vilson ALTENHOFEN*

O estudo *stricto sensu*, i. e. como objeto de estudo em si, das línguas de imigrantes não tem recebido, no Brasil, uma atenção à altura da importância do problema, de dimensões geográficas e sociais considerabilíssimas,¹ sobretudo no sul do país. Suas implicações teóricas e práticas no que tange, por exemplo, à alfabetização e ao ensino de línguas a crianças falantes de línguas de imigrantes revelam, em geral, um descaso quase absoluto, senão arbitrário, na medida em que se trata os problemas de aprendizagem como anomalias que a assimilação em direção ao monolingüismo em português se encarregaria de remover.² Não existe, assim, ao que se tem notícia, nenhuma política educacional específica que salvasse o bilingüismo e os valores sócio-culturais dos imigrantes.³

Ao chamar a atenção para a necessidade de mais pesquisas nesta área, torna-se igualmente oportuno traçar as linhas direcionadoras de tal tipo de estudo, as quais passam necessariamente pela compreensão preliminar do que, exatamente, caracteriza uma língua de imigrantes enquanto objeto de estudo em si. Constitui objetivo, a seguir, analisar brevemente quais são essas características fundamentais, baseando-se, para tanto, no exemplo do H u n s r ü c k i s c h estudado por mim em ALTENHOFEN (1996).⁴ Trata-se de uma variedade dialetal de descendentes de imigrantes alemães, denominada pelos próprios membros da comunidade de fala de *Hunsrückisch*, também *Hunsbucklisch*, em alusão ao grupo majoritário de imigrantes oriundos da região do Hunsrück, localizada entre os rios Mosela e Reno, na Renânia Central.⁵ O termo não é próprio da Dialetologia alemã, mas se impôs no Rio Grande do Sul, de onde se difundiu para outras regiões, incluindo sobretudo Santa Catarina, Paraná e região amazônica. Estima-se, com base em dados do projeto BIRS (Bilingüismo no Rio Grande do Sul),⁶ uma população de aproximadamente 800.000 falantes do Hunsrückisch, no Rio Grande do Sul, dados que, no entanto, têm de ser considerados como apenas relativos.

* Professor do Setor de Alemão do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras-UFRGS

¹Para uma análise preliminar da amplitude geográfica e demográfica, veja-se mapa e dados estatísticos em ALTENHOFEN (1996, cap. 2), IBGE (1950).

²Cp. TREZZI, Humberto. "É proibido falar alemão!" Em Santa Maria do Herval, quem não sabe "brasileiro" vai para o castigo. In: Zero Hora. Porto Alegre, 25/06/1989, p. 30.

³Excetuando esforços feitos em programas de educação bilíngüe a populações indígenas e de escolas especiais, localizadas em grandes centros urbanos. Cf. VANDRESEN (1994).

⁴Também como Tese de Doutorado apresentada à Johannes Gutenberg-Universität de Mogúncia (Alemanha), sob a orientação de Günter Bellmann, .

⁵Sobre a questão da delimitação do Hunsrück v. ZSCHOCKE (1970, principalmente mapa 34).

⁶Iniciado por Walter Koch; v. KOCH (1996), KOCH & ALTENHOFEN (1986), ALTENHOFEN (1990).

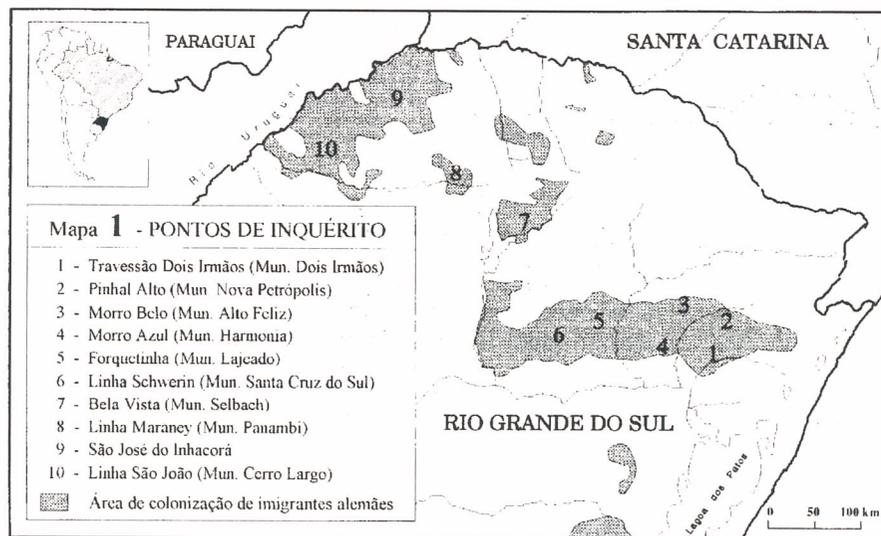
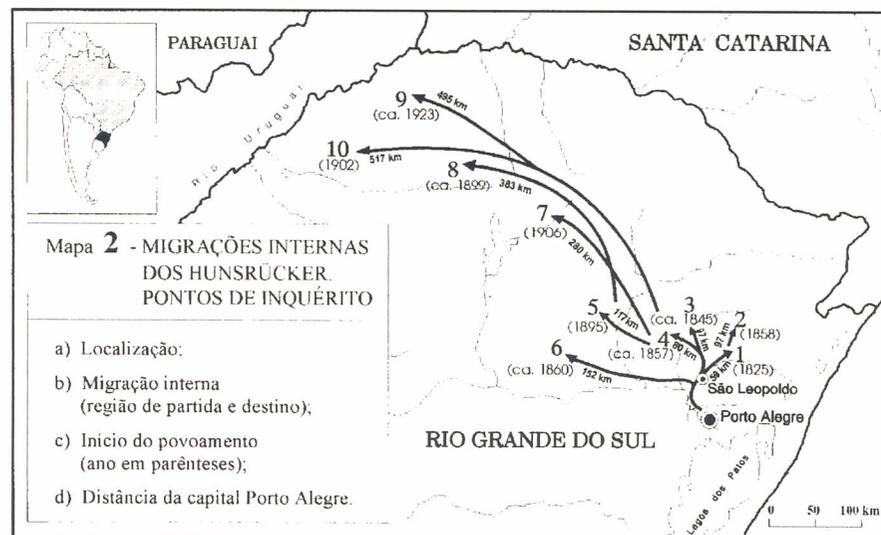


Fig. 1 e 2 - Rede de pontos da pesquisa de ALTENHOFEN (1996): *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul*.



O objetivo que norteou a pesquisa de ALTENHOFEN (1996) foi, nessa fase dos estudos, a busca de uma melhor compreensão dos processos originais que, historicamente, levaram à *composição e difusão* do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul (Hrs.), entendendo por "composição" o repertório de elementos fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos — divergentes ou convergentes, endógenos ou exógenos — de que dispõe o falante da

comunidade de fala. Esta proposta pressupõe que se considere, no mínimo, quatro características essenciais para uma língua de imigrantes desse tipo, vista como:

- a) língua de grupo;
- b) língua com variedades de fala heterogêneas;
- c) língua em movimento;
- d) língua em contato.

O Hrs. falado no Rio Grande do Sul constituiu-se a partir da imigração, iniciada no séc. XIX, de grupos (*levas*) de indivíduos/famílias originários de diferentes cidades/aldeias do Hunsrück e regiões circunvizinhas, na Europa.⁷ São, portanto, grupos regionalmente mistos, não se tendo notícia de aldeias inteiras "homogêneas" transplantadas para solo rio-grandense. Este fator grupal contribui, sem dúvida, para a subsistência da língua de imigrantes como *língua de grupo*. O imigrante, para quem o português constitui uma língua estrangeira ainda não aprendida, tem na língua do seu grupo o código comum e conhecido necessário à comunicação. O próprio meio brasileiro irá reforçar o aspecto grupal dessa língua de imigrantes, ao definir áreas específicas, à parte, para assentar exclusivamente esses contingentes de imigrados. No Rio Grande do Sul, chama a atenção, na distribuição geográfica dos grupos de imigrantes, a coincidência das áreas de colonização destes com a de vegetação originariamente de mata (subtropical), fato aliás já observado por Jean ROCHE (1966, p. 63).⁸ Poder-se-ia concluir com BUNSE (1969, p. 499) que ainda não se tratava, nos núcleos coloniais emergentes, e isso por algum tempo, de línguas realmente em contato, visto se instalarem os imigrantes em áreas "virgens", só ocasionalmente visitadas por elementos lusos falantes de português.

À origem geograficamente diversa, na Europa, correspondem, lingüisticamente, *variedades de fala heterogêneas*. No caso do Hrs., este fator é especialmente relevante. A sua região de partida (a *matrix* europeia) coloca-se como uma zona de transição cortada por um feixe de isoglossas que Theodor FRINGS (1926, p. 128) chamou de *Hunsrückbarriere* e FRINGS (1956, p. 81) de *Hunsrückshranke*. Essa "barreira do Hunsrück", que tem como linha divisória característica o limite entre a área de *dat/wat*, ao norte, e *das/was*, ao sul, também separa duas áreas dialetais do alemão, respectivamente francônio do Mosela e francônio renano. Os traços dialetais de ambas as áreas, somados a outros fenômenos relativos p. ex. à difusão, no que diz respeito às oclusivas *p, t, k*, da 2ª rotação consonantal (cf. o chamado "leque renano" [*Rheinischer Fächer*]), são indicativos de grande importância para o pesquisador de campo que vai investigar os aspectos germanísticos do Hrs. de determinada localidade, sobretudo ao buscar uma identificação prévia da composição da

⁷Uma Alemanha unificada, inicialmente, ainda não havia.

⁸"Todavia, as culturas espalharam-se pelas áreas outrora cobertas de matas, à medida que os índios viam-se paulatinamente repelidos..." v., além disso, mapas 1 e 2 em ALTENHOFEN (1996, p. 52-53).

variedade local, ou seja, se predominam traços do francônio do Mosela ou do francônio renano.⁹

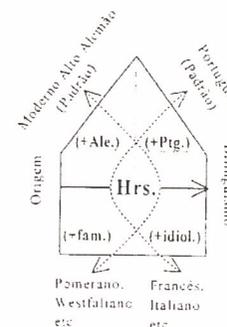
Línguas de imigrantes definem-se, contudo, e de modo especial, como *línguas em movimento*. Isto significa, implicitamente, que a variabilidade da região de partida do Hrs. é transportada para um novo meio, no caso o Rio Grande do Sul, onde sofre um reordenamento devido ao contato com outras variedades de fala. A noção do "espaço" como critério essencial de definição de *dialecto* cede lugar ao critério da "origem" dos elementos que compõem a língua de imigrantes. Usando os termos em que Harald THUN (1996) divide a *diatopia*, podemos dizer que à situação *topostática* de partida na Renânia, que separava áreas dialetais, sucede-se a *topodinâmica* dos traços dialetais das variedades, primeiro do meio original para o novo meio (emigração-imigração) e, segundo, no interior do novo meio (migrações internas). A consequência desses movimentos é o contato das variedades entre si e com a língua do país hóspede, no caso o português rio-grandense.

Ao descrever a composição interna da língua de imigrantes, está-se remetendo principalmente ao seu caráter de *línguas em contato*. O levantamento exaustivo de dados lingüísticos de dez pontos no Rio Grande do Sul (v. acima),¹⁰ distribuídos em duas grandes áreas que se convencionou chamar de *colônias velhas* (pontos 1, 2, 3, 4, 5 e 6) e *colônias novas* (pontos 7, 8, 9 e 10) — as primeiras colonizadas a partir de 1824, e as segundas a partir de 1890 — revelou, neste particular, uma composição de elementos lingüísticos extremamente "heterogênea" do Hunsrückisch (Hrs.). Esta constatação se estende não apenas aos elementos endógenos (intra-linguais), mas também às influências exógenas devidas aos contatos interlinguais com o latim e o francês, na Renânia, e sobretudo com o português do novo meio. Entre os fatores determinantes dessa heterogeneidade e que variam de localidade para localidade, destacam-se 1) a origem das famílias colonizadoras, 2) a idade da localidade como indicativo da evolução do nivelamento lingüístico (*Sprachausgleich*), 3) as migrações feitas pela população local, 4) o grau de urbanização e isolamento e 5) o grau de bilingüismo. *Hunsrückisch* define-se, assim, como "termo genérico para designar a variedade supra-regional do alemão no Rio Grande do Sul/Brasil formada por um contínuo lingüístico que tem por base dialetal o francônio do Mosela e o francônio renano, ao qual se incorporam elementos diversos oriundos do contato intra- e interlingual com outras variedades dialetais e, em especial, do português" (ALTENHOFEN 1996, p. 27).

⁹Para uma visão da região de partida do Hrs. na atualidade, constitui fonte importante de dados o Atlas Lingüístico da Renânia Central (Mittelrheinischer Sprachatlas - MRhSA); v. BELLMANN; HERRGEN & SCHMIDT (1989); BELLMANN (1994).

¹⁰Cada levantamento previu, no mínimo, uma semana de trabalho de campo por ponto de inquérito, mais volta à localidade, para controle de dados. V. descrição da metodologia em ALTENHOFEN (1996, cap. 3).

A partir do exposto, pode-se visualizar a composição lingüística de uma língua de imigrantes como o Hrs. com o seguinte esquema geral:



A base do Hrs. está representada pelo eixo horizontal que tem sua origem no contínuo francônio do Mosela/francônio renano, ao qual se integram elementos das variedades em contato. A coexistência dessas variedades suscita uma série de questões relevantes para a pesquisa, tais como a interferência lingüística de L1 em L2, o *code-switching*, a presença ou não de diglossia, os empréstimos, o grau de bilingüismo (de competência em Hrs. e em português), a perda ou manutenção da língua de imigrantes (*language shift*). São temas freqüentemente estudados pelos sociolingüistas. Importante se torna definir o lugar de cada variedade no contexto social da localidade. Às características já apresentadas, para as línguas de imigrantes, acrescentam-se, então, mais dois aspectos de cunho político-social, quais sejam:

- e) língua marginal;
- f) língua de minoria.

Línguas de imigrantes carregam, geralmente, o *status* de *línguas marginais*, isto é, que estão à margem da língua padrão oficial do país hóspede. O termo *marginal* sugere características em comum com as línguas indígenas e com manifestações de línguas africanas, que também são, por natureza, *línguas de minorias*, por atingirem um grupo social restrito. Enquanto à língua padrão, português, são atribuídas as funções básicas do ensino, dos meios de comunicação de massa, da administração e das repartições públicas, portanto do uso formal, recaem sobre a língua de imigrantes, na maioria dos casos, as funções de língua de família e língua da vizinhança. Para os imigrantes alemães, por exemplo, as primeiras funções eram inicialmente desempenhadas pelo alemão padrão. Uma vez ausente (*fehlende Überdachungsnorm*),¹¹ toma paulatinamente o seu lugar, na função de norma padrão, o português. A condição de língua marginal,

¹¹"Das gilt vor allem von den 'dachlosen' Mundarten, die ohne dem Schutzdach der Hochsprache unmittelbar den Einflüssen der Kontaktsprache ausgesetzt sind." (KLOSS 1973, p. 378)

deste modo acentuada, reflete-se muitas vezes em atitudes lingüísticas em relação à língua de imigrantes. Um exemplo já citado é o ensino de línguas que desconsidera as especificidades da(s) língua(s) de imigrantes. A escola alfabetiza em português como se esta fosse a língua materna e, muitas vezes, atribui à língua de imigrantes a culpa do fracasso escolar, assumindo a atitude cética de aguardar, pacientemente, que essas populações "finalmente" se assimilem, aqui uma característica intrínseca à língua marginal, ou seja a pressão social da assimilação e da aculturação.¹²

Somando todas as características que por ora enumeramos, que conclusões podemos tirar para a pesquisa das línguas de imigrantes no Rio Grande do Sul? Parece ficar evidente que princípios como a heterogeneidade interna (origem diversa) das variedades de imigrantes, a sua variabilidade lingüística, a topodinâmica das suas relações, o contato intra- e interlingual, o seu uso marginal, só podem ser vistos em sua totalidade através de um modelo pluridimensional de descrição dessas línguas. Entre as dimensões a serem contrastadas,¹³ estão os parâmetros dialingual e contactual, diatópico (topostático e topodinâmico das relações no espaço geográfico), diastrático (associado, no caso da realidade brasileira, ao critério da escolaridade), diageracional (como indicativo também de relações diacrônicas),¹⁴ diassexual, diafásico (envolvendo estilos de fala ligados à situação de uso da língua) e diareferencial (que implica na associação de formas lingüísticas com determinado uso ou grupo social).

Um breve exemplo das possibilidades de combinação das diversas dimensões da variação lingüística é a carta 73 que apresenta as relações de substrato e adstrato na integração do empréstimo *fundalbodoque* do português no Hunsrückisch do Rio Grande do Sul (v. abaixo). A carta sintética de BUNSE & KLASSMANN (1969, mapa 8) que serve de "pano de fundo" mostra a variação diatópica no próprio português do Rio Grande do Sul, provando que não é só a heterogeneidade da língua de imigrantes, mas também a da língua em contato que deve ser prevista pelo pesquisador.¹⁵ O adstrato dos imigrantes alemães irá entrar em contato, inicialmente, com a área de ocorrência de ptg. *funda*, visto localizarem-se nesta área os primeiros núcleos coloniais — as colônias velhas fundadas a partir de 1824 —. A ocorrência de ["fund<<"] no Hrs. falado em pontos situados na área das colônias novas, cuja variedade do português apresenta *bodoque* como forma corrente, leva à conclusão de que hrs. ["fund<<"] foi transportado pelos seus falantes ao migrarem da antiga área para as novas colônias,

¹²V. SCHADEN (1942; 1954) e WILLEMS (1940; 1980).

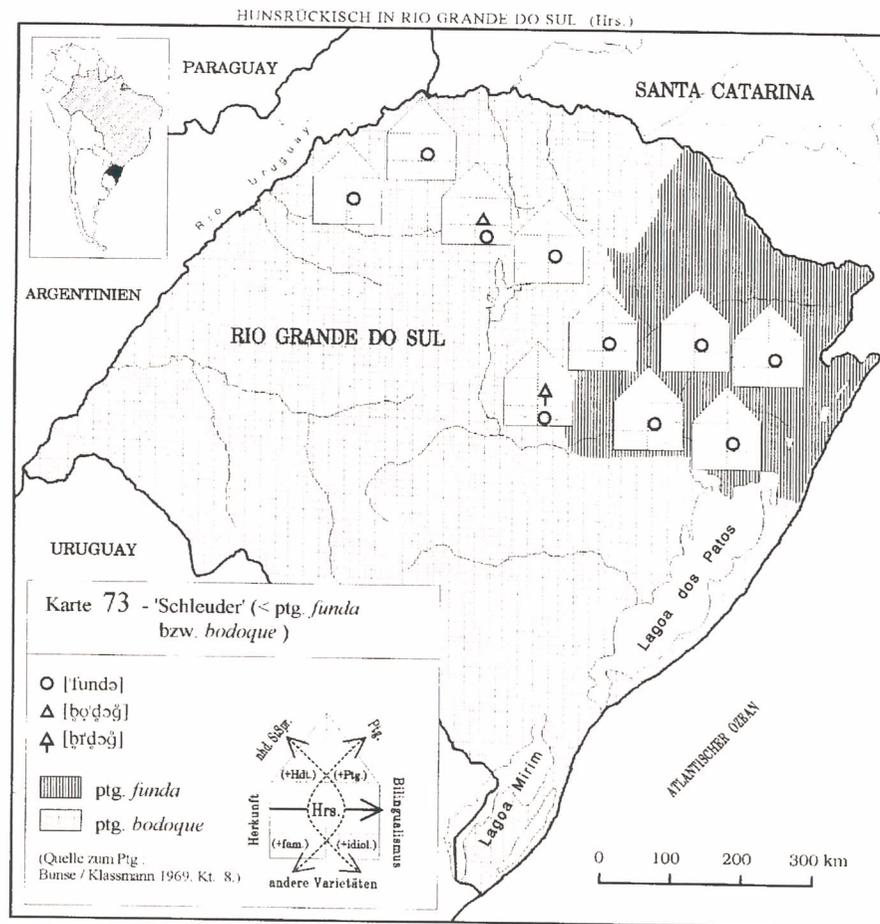
¹³Baseado na experiência do Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU), participando inclusive de levantamentos de campo em fevereiro-março de 1990-91-92 com Harald Thun, na zona bilíngüe português-espanhol, no norte do Uruguai. V. RADTKE & THUN (1996, p. 1-49).

¹⁴Como "'tiempo visible' porque representa la convivencia de generaciones" (RADTKE & THUN 1996, p. 32).

¹⁵Dando razão e, inclusive, ampliando a afirmação de BUNSE (1969, p. 503) de que é necessário partir do "[sistema fonológico do] português falado no Rio Grande do Sul e confrontá-lo com [os sistemas fonológicos dos] dialetos alemães."

no noroeste do estado. Considerando que essa migração iniciou a partir de 1890, deduz-se da relação topodinâmica entre ambas as áreas que se trata de um empréstimo anterior a 1890, portanto um *integratum*, há muito integrado no sistema do Hrs. Em alguns levantamentos da área de ptg. *bodoque*, tenho coletado o comentário metalingüístico de que ["fund<<"] é uma forma do alemão, identificando *bodoque* como sendo "palavra dos brasileiros". Já a incidência de [b9o"d9Og()] e [b9I"d9Og()], como formas mais freqüentes respectivamente nos pontos 8 (Linha Maraney, em Panambi) e 6 (Linha Schwerin, em Santa Cruz do Sul), não exclui a presença de ["fund<<"], que, no entanto, tende a se arcaizar ou a cair em desuso, por se restringir ao uso de indivíduos isolados (traço [+idioletal]) da geração mais velha ou, ainda, por ser de conhecimento passivo ("já ouvi falar"). O caso dos pontos 8 e 6 pode mostrar, além da influência da área de ptg. *bodoque*, uma propensão maior destes pontos à adoção de empréstimos novos do português e, por extensão, levar à hipótese de que também propendem mais fortemente à assimilação em português. Semelhante hipótese, no entanto, só pode ser comprovada numa visão global que analise, por exemplo, estatisticamente a distribuição de "grupos" de empréstimos correlacionáveis. Estes dois pontos são, quanto aos traços dialetais do contínuo francônio do Mosela/francônio renano descritos nos cap. 4 e 5 de ALTENHOFEN (1996), curiosamente aqueles com traços fonéticos do vocalismo e consonantismo mais próximos do alemão padrão (por isso, *abgeschwächtes Hunsrückisch* 'Hunsrückisch atenuado').

Por fim, não resta dúvidas de que, agregando novos parâmetros de variação às potencialidades múltiplas do método geolingüístico, a Dialectologia Pluridimensional pode ser um caminho bastante frutífero para o avanço das pesquisas na área de línguas em contato. O estudo de ALTENHOFEN (1996) sobre o Hunsrückisch no Rio Grande do Sul representa, neste sentido, uma tentativa inicial de compreender os aspectos essenciais desse tipo de estudo, ao analisar a composição interna das variantes do Hrs. e os processos de sua difusão entre falantes de comunidades bilíngües do meio rural, vistos como representativos da forma mais "neutra" dessa variedade. A compreensão fundamental do que caracteriza uma língua de imigrantes permite ademais estabelecer correlações entre uma língua de imigrantes e outra, evitando incorrer no erro de atribuir determinado comportamento lingüístico a um grupo específico, quando está igualmente presente entre os alemães, italianos, poloneses e outros grupos de imigrantes em contato com o português.



Referências Bibliográficas

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart, Steiner, 1996. 444 p. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21.)
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *A aprendizagem do português em uma comunidade bilingüe do Rio Grande do Sul. Um estudo de redes de comunicação em Harmonia*. (Diss. Mestr.) Porto Alegre, UFRGS, 1990. 242 p.
- BELLMANN, Günter. *Einführung in den Mittelrheinischen Sprachatlas (MRhSA)*. Tübingen, Niemeyer, 1994. 307 p.

- BELLMANN, Günter; HERRGEN, Joachim & SCHMIDT, Jürgen Erich. *Der Mittelrheinische Sprachatlas (MRhSA)*. In: PUTSCHKE, Wolfgang & VEITH, Werner H. [ed.]. *Regionale Sprachatlanten. Laufende Projekte*. Tübingen, Niemeyer, 1989. p. 285-313.
- BUNSE, Heinrich & KLASSMANN, Mário S. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul (problemas, métodos, resultados)*. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia, UFRGS, 1969. 60 p.
- BUNSE, Heinrich A.W. *Colonização e língua*. In: IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Separata dos Anais. São Paulo, 1969. p. 497-506.
- FRINGS, Theodor. *Sprache und Geschichte*. vol. 1-2-3. Halle (Saale), Niemeyer, 1956. (Mittel-deutsche Studien; 16-17-18.)
- FRINGS, Theodor: *Sprache [...]*. In: AUBIN, Hermann / FRINGS, Theodor / MÜLLER, Josef. *Kulturströmungen und Kulturprovinzen in den Rheinlanden. Geschichte, Sprache, Volkskunde*. Bonn, Röhrscheid, 1926. p. 90-185.
- IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estudos sobre as línguas estrangeiras e aborígenes faladas no Brasil*. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do IBGE, 1950. 114 p. (Estatística Cultural; 2.)
- KLOSS, Heinz. *Deutsche Sprache im Ausland*. In: ALTHAUS, Hans Peter et al. [ed.]. *Lexikon der germanischen Linguistik*. Tübingen, Niemeyer, 1973. p. 377-387.
- KOCH, Walter & ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Projeto de mapeamento do bilingüismo no Rio Grande do Sul*. In: V Encontro de Estudos do Bilingüismo e Variação Lingüística da Região Sul. *Anais*. Florianópolis, UFSC, 1986. p. 211-221.
- KOCH, Walter. *Deutsche Sprachinseln in Südbasilien. Möglichkeiten und Probleme ihrer Untersuchung*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [ed.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*. Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. (Heidelberg/Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel, Westensee-Verl., 1996. p. 307-322. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)
- RADTKE, Edgar & THUN, Harald [ed.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*. Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. (Heidelberg/Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel, Westensee-Verl., 1996. 648 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)
- ROCHE, Jean. *As bases físicas da ocupação do solo no Rio Grande do Sul*. In: Três estudos rio-grandenses. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Faculdade de Filosofia, 1966. p. 29-64.
- SCHADEN, Egon. *Aculturação lingüística numa comunidade rural*. In: Revista de Sociologia 4(3). São Paulo, 1942. p. 268-285.
- SCHADEN, Egon. *Der Deutschbrasilianer — ein Problem*. In: Staden-Jahrbuch 2. São Paulo, 1954. p. 181-194.
- THUN, Harald. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos en Rivera*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [Hrsg.]. *Neue*

Wege der romanischen Geolinguistik. Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. (Heidelberg/ Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel, Westensee-Verl., 1996. p. 210-269. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)

VANDRESEN, Paulino: *O ensino de português em áreas bilíngües: uma perspectiva histórica.* In: ATAS do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística: conferências e mesas-redondas. Salvador, 11/16 de setembro de 1994. Org. por Jacyra Mota & Vera Rollemberg. Salvador, ABRALIN; FINEP; UFBA, 1996. vol. 1, p. 317-320.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil. Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes.* São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940. 343 p.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil.* 2. ed. rev. São Paulo, Companhia Editora Nacional; [Brasília], INL, 1980. 465 p. [1. ed. 1946] (Brasílica; 250.)

ZSCHOCKE, Reinhart. *Die Kulturlandschaft des Hunsrücks und seiner Randlandschaften in der Gegenwart und in ihrer historischen Entwicklung.* Wiesbaden, Steiner, 1970. XI, 268 p. (Kölner Geographische Arbeiten; 24.)

Ensino: diversidade ou padronização? As propostas dos estilos de aprendizagem e da Teoria das Inteligências Múltiplas

Eunice Polonia*

Encontros recentes realizados pela área educacional apontam para a necessidade de uma transformação radical na sala de aula. David Thornburg, consultor do governo norte-americano para assuntos educacionais, presente no II Congresso da Escola Particular do RS/1997, postula que o educador abandone a preparação do aluno para trabalhos específicos, como tem sido feito até agora. Como a maioria das profissões que nossos alunos estarão exercendo no século XXI ainda não foi criada, a saída seria desenvolvermos nos alunos habilidades úteis em qualquer tipo de profissão que venha a surgir. O professor deve visar ao desenvolvimento de todas as potencialidades do aluno, sem beneficiar uma em detrimento da outra. (Zero Hora, 09/07/97:9)

Isto implica numa revisão dos pressupostos que orientam a ação real do professor: ao voltar-se mais para o ensino de conteúdos do que para o desenvolvimento de habilidades, e ao lidar com o potencial humano de forma homogênea, ignoram-se as diversidades nas formas de ensino e aprendizagem já constatadas pela teoria (Gardner, 1995). As práticas de sala de aula habituais contemplam as inteligências lingüística e matemática, menosprezando as formas de aprendizagem que envolvem a interação com colegas, música, movimentação e outras.

Entretanto, estudos da área cognitiva aparentemente distintos têm nos fornecido dados substanciais sobre as diferenças individuais entre os aprendizes por um lado e da forma relativamente padronizada de ensino de cada professor por outro; contribuem, também, com a análise dos conflitos decorrentes da combinação de todos estes fatores na situação prática de ensino. A seguir, verificaremos quais pontos em comum de estudos sobre Estilos de Aprendizagem (EA) e a assim cognominada Teoria das Inteligências Múltiplas (TIM) poderiam sugerir um rumo para a eliminação da distância entre as teorias cognitivas e a prática de sala de aula, auxiliando, a longo prazo, na formação deste novo tipo de profissional.

Estilo de aprendizagem é definido por Reid (1995), como a(s) maneira(s) natural(is), habitual(is) e preferida (s) de um indivíduo absorver, processar e reter novas informações e habilidades, envolvendo uma série de fatores de ordem social e afetiva (Oxford, 1995). Dentre a longa lista de estilos identificadas por educadores e psicólogos, apenas alguns receberam a atenção dos pesquisadores